

SOU UM EDUCADOR

Anelise de Oliveira Rodrigues¹

Hedi Maria Luft²

E eu vejo o menino,
Pés descalços caminhando pela rua,
Lá vai ele, olhar sombrio, distante,
Caminha lentamente,
Sem rumo, sem fé, sem esperança.
Sem infância, sem alegria.
Menino sem chão, sem pão
Menino sem tudo!
Sem vida?
Quem sabe?!

Tão menino, tão pequeno...
Não tem mochila,
Mas carrega consigo, uma pesada e injusta bagagem,
O peso de quem não tem...
Não tem escola,
Não tem direito,
Não tem o que comer,
Não tem o que vestir,
Não tem para onde ir.

¹ Doutoranda em Educação nas Ciências na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ/RS-Brasil)- Bolsista PROSUC. Linha de Pesquisa Educação Popular em Movimentos e Organizações Sociais. Vinculada ao Grupo de Pesquisa Educação Popular- GEEP e Grupo de Estudo Paulo Freire- GEPF, Mestre em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ/RS-Brasil). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria. Especialista em Gestão e Organização da Escola e em Pedagogia Social e Elaboração de Projetos. Professora da Rede Municipal de Ensino de Santa Rosa, Brasil, com cedência para a Associação Mãos que Acolhem-AMA onde atua como diretora pedagógica. E-mail: anerodrigues0202@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Mestrado em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Professora da Faculdade de Balsas – Unibalsas – MA. E-mail: hedim@terra.com.br

Menino da periferia...
Esqueceram teu nome,
Tua imagem foi quebrada.
Menino invisível,
Negaram a tua existência.
Silenciaram o teu grito.
Tua dor não pode ser ouvida.
Emudeceram tua voz.

Oprimem-te pela tua cor.
Julgam-te pela tua aparência.
Hipócritas!
Roubaram o teu riso,
E agora te culpam!
És culpado, porque enfeias o farol
Com as tuas mãos sujas,
A bater no vidro, do carrão importado
Da madame, do patrão.
A pedir esmolas, enquanto deverias estar na escola.

Que escola?
Aquele que te mandou embora,
Porque diziam que não sabias te portar?
Onde se viu não saber falar?!
Que palavras são estas?
Tão feias, tão sujas?

Oh! Meu Deus!
Menino mal-educado, indisciplinado,
Insolente, doente.
De onde tiras, tamanha rebeldia?
Menino mal-amado,
Malvisto, mal falado...

Tão menino, tão pequeno...
Onde foi que te esqueceram?

Ainda espero menino...
Um mundo menos feio,
Que te devolva a cor,
E te envolva de amor.
Um mundo, onde tu sejas respeitado,
Ouvido, alimentado.
Onde tu sejas sonhado.

Ainda espero menino...
Te ver outra vez criança,
Há! Doce infância!
Brincando, correndo,
Inventando tuas histórias,
Cheias de super-heróis, mocinhos,
Onde vilão não tem vez!
Onde, com aquarela, se pinta a boniteza do mundo,
Onde sempre, no final do “Era uma vez”,
Ecoa um sonoro: “Viveram felizes para sempre!”

Ainda espero menino...
Te ver na escola,
Não sentado, enfileirado,
Mas inquieto, a pensar na vida,
Na tua vida, na vida dos outros,
Na vida de gentes como tu!
Na tua comunidade.
Em como torná-la mais justa, digna,
De como acabar com a impunidade
Enfim, como transformar a sociedade.

Oh! Deus me ajude!
Que eu não perca a esperança, a fé nos homens,
A capacidade de me indignar,
Que mesmo em dias tão sombrios
Restem-me forças para professar:
SOU UM EDUCADOR!
Quero mudanças!
Quero mudar!

Ainda espero menino...
Ver e ouvir o teu riso...